

Brasil e credores divergem nas previsões para 1988

Consuelo Diegues

BRASÍLIA — As diferentes previsões para o comportamento da economia brasileira e mundial para 88 e 89 feitas pelos técnicos da missão brasileira e os técnicos do Comitê assessor dos bancos credores que negociam o acordo de médio prazo da dívida externa é que estão provocando a divergência entre o volume de recursos solicitados pelo Brasil — 7 bilhões de dólares — e o que os bancos credores estão dispostos a oferecer — 5 bilhões de dólares — para refinanciamento dos juros até 89.

A explicação do banco Central é de que os credores estão superestimando o resultado da balança comercial brasileira para os próximos dois anos e também a entrada de recursos dos organismos multilaterais como o Banco Mundial (Bird) e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os bancos credores acham que o Brasil terá uma exportação bem maior do que a que está prevista nos dados do governo brasileiro. As previsões de importações também estão sendo motivo de divergência. O Brasil, por exemplo apontou um crescimento de 20% nas importações de bens de capital, número contestados pelos credores. Os técnicos brasileiros argumentam, no entanto, que sem este aumento de importação o Brasil não terá condições de produzir o suficiente para atingir as metas de exportações estimadas pelos credores.

Mas não é apenas na parte comercial em que estão ocorrendo divergências. Na questão financeira as estimativas dos credores são bem mais otimistas que as do governo brasileiro. Os credores acreditam que o Brasil conseguirá ainda este ano os quatro desembolsos a que tem direito do Fundo Monetário Internacional (FMI). Já as estimativas dos técnicos brasileiros são de que um acordo com o Fundo deve ser assinado apenas em julho, o que significa que o Brasil conseguirá, no máximo, dois desembolsos dos quatro a que tem direito, já que a liberação dos empréstimos é feita trimestralmente.

O Brasil também acha que pode conseguir, em cada desembolso, de 400 milhões a 600 milhões de dólares, mas aposta na estimativa mais baixa, enquanto os credores, para se livrarem do ônus de terem que emprestar mais ao Brasil, acreditam que o FMI poderá liberar até 2 bilhões de dólares. Os desembolsos do Banco Mundial também são discutíveis. Os credores apostam numa liberação de até 2 bilhões de dólares, enquanto o Brasil é menos otimista.

— A tendência dos credores é sempre jogar os nossos números para cima para poder reduzir os seus desembolsos — explica uma fonte do Banco Central que acompanha as negociações.

O governo brasileiro, no entanto, segundo esta fonte, está confiante de que seja possível se conseguir a liberação de um volume de recursos maior do que os 5 bilhões de dólares oferecidos até agora. O BC estima que o acordo deverá estar fechado dentro de um mês, mas somente deve ser formalmente assinado em agosto, e não em junho, como estava previsto no acordo provisório.